



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à saída do Copacabana Palace Hotel**

**Rio de Janeiro-RJ, 06 de abril de 2010**

**Jornalista:** Presidente, por favor. (incompreensível) senhor, existe alguma ação emergencial em função dessas 25 mortes, que o governo possa fazer, e se o senhor vislumbra alguma situação para evitar esses incidentes.

**Presidente:** Primeiro, não existe ser humano no planeta Terra que consiga enfrentar uma mudança de clima como esta que nós estamos vendo. A chuva de hoje no Rio de Janeiro, a chuva de ontem, é a maior da história do Rio de Janeiro. Quando tem uma chuva dessa magnitude, a única coisa que resta a fazer, para o prefeito, para o governador, para a Defesa Civil, é pedir para as pessoas, primeiro, quem mora em encosta, sair da encosta; quem mora em área de risco, sair da área de risco; quem mora na beira de córrego, sair da beira de córrego, e esperar a chuva parar para que a gente possa começar a resolver os problemas. Que os administradores públicos deste país levem em conta que não é possível mais permitir que as pessoas ocupem áreas inadequadas para morar. É preciso antever isso, tomar cuidado para não acontecer, pensar em outros lugares para as pessoas morarem. Se você pegar todas as enchentes brasileiras, mesmo com excesso de chuva, você percebe que atingem mais as pessoas pobres, que moram em lugares mais inadequados. Isso é do Rio de Janeiro a Pernambuco, de Pernambuco ao Acre, do Acre a São Paulo. É sempre assim, porque são as pessoas de menos posses que moram em lugares mais sofríveis.

Eu vi o governador dando entrevista, vi o... conversei com o prefeito. Nós temos que esperar, agora, passar a chuva para cuidar de (falha na gravação) recompor a cidade, de tentar tirar as pessoas das áreas de risco, de tentar



construir as habitações que faltam, e tentar, aos poucos, fazer um sistema de drenagem nos municípios para evitar que a cada chuva forte como esta a gente sofra o tanto que está sofrendo.

**Jornalista:** O que o senhor achou do sistema de drenagem do município, da estrutura da cidade para a chuva?

**Presidente:** Olha, eu não conheço o sistema de drenagem do Rio de Janeiro. Certamente, tem coisa feita. Nós, desde o ano passado, estamos fazendo um forte investimento em drenagem, porque nós descobrimos que muitas prefeituras no Brasil inteiro são vítimas de ausência de investimento em drenagem. Nós estamos fazendo, e vamos trabalhar, junto com o governador Sérgio Cabral e junto com o prefeito Eduardo Paes, para que no PAC 2 a gente coloque mais dinheiro para drenagem, para ver se a gente consegue, daqui a dez ou 15 anos, ter uma cidade do Rio menos sofrida do que a que nós temos hoje. Lamentavelmente, é assim. Chove demais... Esta, me parece que é a maior enchente da história do Rio de Janeiro, é a maior quantidade de chuva num único dia. E quando o homem lá em cima está nervoso e faz chover, nós só temos agora que pedir para Ele para parar a chuva no Rio de Janeiro, para a gente poder tocar a vida na cidade.

**Jornalista:** Presidente, o senhor ouviu falar que algumas unidades habitacionais, que tanto o PAC em Manguinhos e no Alemão já sofreram alagamento?

**Presidente:** Eu vi na televisão agora, eu vi na televisão agora. Vi obras que estão sendo construídas, com água, menos água do que em outros lugares, mas tem água. Mas é aquilo... Eu, se pudesse convidar você para ir ao meu apartamento em São Bernardo do Campo, você vai ver o que a chuva está



fazendo no meu apartamento, ou seja, a minha laje está totalmente deteriorada. Neste ano, nós tivemos um excesso de chuva em muitos lugares – aqui no Rio de Janeiro, mas também em outros lugares. Onde eu vi as obras do PAC tem menos água, portanto, eu acho que a única explicação de estar com água lá é realmente o excesso de chuva. Em uma chuva normal não aconteceria aquilo. Mas é importante que tenha acontecido, para a gente ver o que pode ser feito para não permitir que aconteça outra vez.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou em 10, 15 anos. Antes disso a gente tem uma Copa do Mundo e depois uma Olimpíada. Será que pode acontecer algo mais emergencial, para tentar minimizar esse problema?

**Presidente:** Ora, veja, primeiro, nós... Não chove todo dia, nem a toda hora, nem todo dia tem terremoto no Chile, nem todo dia tem terremoto no Haiti, ou seja, quando acontece uma desgraça, acontece. Normalmente, o mês de junho e o mês de julho são meses mais tranquilos, e o Rio de Janeiro está preparado para fazer a Olimpíada e está preparado para fazer a Copa do Mundo com muita tranquilidade. Não é por causa de uma catástrofe que a gente vai achar que vai acontecer todo ano ou a toda hora. No Chile, nós sabemos que os terremotos... em média, a cada 20 anos acontece um terremoto – uns maiores, outros menores, mas acontece. E o povo chileno continua construindo a sua vida, continua vivendo, e volta para o mesmo lugar, na expectativa de que não dê mais. Eu acho que nós já temos... parte das obras das Olimpíadas e parte das obras da Copa do mundo já está acertada com o governo do estado e já está acertada com a prefeitura, e nós vamos continuar trabalhando para fazer a melhor Copa do Mundo e a melhor Olimpíada que este mundo já viu. Tenho certeza disso, que nós vamos fazer um grande evento para ninguém botar defeito.



**Jornalista:** O senhor conseguiu transitar hoje pela cidade e ontem?

**Jornalista:** O senhor conseguiu...

**Presidente:** Não, veja, eu cheguei ontem à noite porque... Eu ia descer no Santos Dumont porque eu tinha marcado duas entrevistas de rádio hoje de manhã. Fiz a entrevista. A Moniquinha, da Nativa, não pôde chegar porque se atrasou, mas eu fiz com o Francisco Barbosa, eu vou... Nós íamos ao Complexo do Alemão fazer a inauguração da UPA, de um Centro de Referência lá, que homenageia a minha mãe, e não vamos poder ir lá ao Complexo do Alemão. Eu vou ao BNDES porque eu tinha acertado, dez dias atrás, de o BNDES fazer uma exposição sobre o Plano de Desenvolvimento Produtivo que nós lançamos aqui mesmo no Rio, dois anos atrás. Eu quero ver onde nós estamos andando, como é que a coisa evoluiu, para a gente saber quais são os passos que a gente vai dar. E já, três meses atrás, nós tínhamos marcado aqui, a premiação da Olimpíada de Matemática. Vocês sabem que no ano passado participaram 19 milhões e 300 mil pessoas - adolescentes e crianças do ensino fundamental - e são 300 medalhistas de ouro, gente que veio do Brasil inteiro. Certamente, essas pessoas chegaram aqui com antecedência, senão não teriam vindo hoje, e nós vamos participar. Depois eu vou para São Paulo - também está chovendo muito - participar da feira da construção civil e às 10 horas da noite estarei chegando em Brasília.

**Jornalista:** Alguma ajuda emergencial já acertada, aqui para o estado?

**Presidente:** Veja, toda vez que acontece uma coisa dessas, nós temos que esperar, primeiro, passar, para que haja um levantamento para ver qual é a ajuda. A ajuda material, a ajuda que o Governador precisar, que o Prefeito precisar, que a gente possa utilizar a Aeronáutica com os seus aviões, que a



gente possa utilizar a Marinha, tudo isso está pronto, à disposição. Me parece que não é esse o caso, me parece que o estado está preparado para isso, me parece que a Defesa Civil está mais ou menos preparada. O que precisa é conscientização. Eu já participei de tentativa de tirar gente de área de risco, não é fácil. Não é fácil porque, às vezes, as pessoas estão vendo que vai acontecer uma desgraça e elas não querem sair. Às vezes, é preciso chamar a polícia para tirar.

Vocês estão lembrados de um caso muito famoso, em Belo Horizonte, em que morreram os seis filhos de um homem. Aquele homem tinha ganhado uma casa da prefeitura, ele tinha mudado para a casa da prefeitura. De repente, ele volta com a família para a área de risco, dá uma chuva, e morre toda a família. Eu lembro que a prefeitura queria processar ele, e eu dizia: Mas como é que você vai processar um cidadão que perdeu seis filhos? Não pode ter pena mais dura do que essa para ele que, de forma irresponsável, voltou para uma área de risco de que ele tinha saído. Então, se vocês puderem conscientizar a população de que quem mora em beira de córrego, quem mora na encosta de morro, quem mora em área que possa ter deslizamento, por favor, saiam e esperem a chuva passar, vá para a casa de um parente, procure a prefeitura, procure... Porque ele só tem chance de brigar para melhorar a sua vida se ele estiver vivo. Então, não fique arriscando, neste momento, que não ajuda nada.

Então, é isso que a gente pode fazer. Obviamente que quando terminar a chuva, o Governador e o Prefeito vão ter o levantamento das coisas que têm que ser refeitas e das coisas que tem que fazer. E nós estaremos totalmente solidários em partilhar as soluções para esse problema.

Agora, estejam conscientes do seguinte: com as intempéries, não há possibilidade de o homem vencer, se elas forem demais. Essa chuva, realmente, parece que é a maior da história do Rio de Janeiro, maior do que a de [19]66, maior do que a de [19]88, maior do que a de [19]96, ou seja, é a maior de todas. Então, cada um se cuidar direitinho, para evitar mais



sofrimento.

**Jornalista:** Ok.

**Presidente:** Está bem?

**Jornalista:** Obrigada.

(\$31EGJLP)